

# Leandro Gomes de Barros

## ANTONIO SILVINO o rei dos cangaçeiros

O povo me chama grande  
E como de fato eu sou  
Nunca governo venceu-me  
Nunca civil me ganhou  
Atrás de minha existência  
Não foi um só que cansou.

Já fazem 18 anos  
Que não posso descansar  
Tenho por profissão o crime  
Lucro aquilo que tomar,  
O governo às vezes dana-se  
Porém que jeito há de dar?!

O governo diz que paga  
Ao homem que me der fim,  
Porém por todo dinheiro  
Quem se atreve a vir a mim?  
Não há um só que se atreva  
A ganhar dinheiro assim.

Há homens na nossa terra  
Mais ligeiros do que gato,  
Porém conhece meu rifle  
E sabe como eu me bato,  
Puxa uma onça da fumaça,  
Mas não me tira do mato.

Telegrafei ao governo  
E ele lá recebeu,  
Mandei-lhe dizer: doutor,  
Cuide lá no que for seu,  
A capital lhe pertence  
Porém o estado é meu.

O padre José Paulino  
Sabe o que ele agora fez?  
Prendeu-me dois angaceiros,  
Tinha outro preso fez três,  
O governo precisou  
Matou tudo de uma vez.

Porém deixe estar o padre,  
Eu hei de lhe perguntar  
Ele nunca cortou cana

Onde aprendeu a amarrar?  
Os cangaceiros morreram  
Mas ele tem que os pagar.

Depois ele não se queixe,  
Dizendo que eu lhe fiz mal,  
Eu chego na casa dele,  
Levo-lhe até o missal,  
Faço da batina dele  
Três mochilas para sal.

Um dos cabras que mataram,  
Valia três Ferrabrás  
Eu não dava-o por cem papas,  
Nem quinhentos cardeais  
Não dava-o por dez mil padres,  
Pois ele valia mais.

Mas mestre padre entendeu  
Que ia acertadamente  
Em pegar meus cangaceiros  
E fazer deles presente,  
Quem tiver pena que chore  
Quem gostar fique contente.

Meus cangaceiros morreram  
Mas ele morre também,  
Eu queimando os pés aqui  
Nem mesmo o diabo vem,  
Eu não vou criar galinhas  
Para dar capões a ninguém.

Tudo aqui já me conhece  
Algum tolo inda peleja,  
Eu sou bichão no governo  
E sou trunfo na igreja.  
Porque no lugar que passo  
Todo mundo me festeja.

No norte tem quatro estados  
À minha disposição,  
Pernambuco e Paraíba  
Dão-me toda distinção,  
Rio-Grande e o Ceará  
Me conhecem por patrão.

No Pilar da Paraíba  
Eu fui juiz de direito,  
No povoado - Sapé,  
Fui intendente e prefeito,  
E o pessoal dali  
Ficou todo satisfeito.

Ali no entroncamento  
Eu fui Vigário-Gral,  
Em Santa Rita fui bispo,  
Bem perto da capital,  
Só não fui nada em Monteiro,  
Devido a ser federal.

Porém tirando o Monteiro,  
O resto mais todo é meu,  
Aquilo eu faço de conta  
Que foi meu pai que me deu  
O governo mesmo diz:  
Zeze porque tudo é seu.

Na vila de Batalhão,  
Eu servi de advogado,  
Lá desmanchei um processo  
Que estava bem enrascado,  
Livrei três ou quatro presos  
Sem responderem jurado.

Só não pude fazer nada  
Foi na tal Santa Luzia.  
Perdi lá uma eleição,  
A coisa que eu não queria,  
Mas o velho rifão diz:  
Roma não se fez n'um dia.

O padre José Paulino  
Pensa que angu é mingau  
Entende que sapo é peixe  
E barata é bacurau  
Pegue com chove e não molha,  
Depois não se meta em pau.

Eu já encontrei um padre,  
Recomendado de papa,  
Tinha o pescoço de um touro,  
Bom cupim para uma tapa,  
Fomos às unhas e dentes,  
Foi ver aquela garapa.

Quando o rechochudo viu  
Que tinha se desgraçado,  
Porque meu facão é forte,  
Meu baço é muito pesado,  
Disse: vôte, miserável,  
Abancou logo veado.

Eu gritei-lhe: padre-mestre,  
Me ouça de confissão.  
Ele respondeu-me: dane-se  
Eu lhe deixo a maldição,  
Em mim só tinha uma coroa,  
Você fez outra a facão.

Eu inda o deixei correr  
Por ele ser sacerdote,  
Para cobra só faltava  
Enroscar-se e dar o bote,  
Aonde ele foi vigário,  
Quatro levaram chicote.

Foi tanto qu'eu disse a ele:  
Padre não seja atrevido  
Tire a peneira dos olhos,  
Veja que está iludido,  
Eu lhe respeito a coroa,  
Porém não o pé do ouvido.

O velho padre Custódio,  
Usurário, interesseiro,  
Amaldiçoava quem desse  
Rancho a qualquer cangaceiro,  
Enterrou uma fortuna,  
E eu sonhei com o dinheiro!...

Então fui na casa dele,  
Disse, padre eu quero entrar,  
Sonhei com dinheiro aqui!...  
E preciso o arrancar,  
Quero levá-lo na frente  
Para o senhor me ensinar.

O padre fez uma cara,  
Que só um touro agastado,  
Jurou por tudo que havia,  
Não ter dinheiro enterrado,  
Eu lhe disse, padre-mestre,  
Eu cá também sou passado.

Lance mão do cavador,  
E vamos ver logo os cobres,  
Esse dinheiro enterrado  
Está fazendo falta aos pobres,  
Usemos de caridade  
Que são sentimentos nobres.

Dez contos de réis em ouro  
Achemos lá n'um surrão,  
Três contos de réis em prata  
Achou-se n'outro caixão,  
Eu disse: padre não chore,  
Isso é produto do chão.

O padre ficou chorando  
Eu disse a ele afinal  
Padre mestre este dinheiro  
Podia lhe fazer mal  
Quando criasse ferrugem  
Lhe desgraçava o quintal.

Ajuntei todos os pobres  
Que tinham necessidade  
Troquei ouro por papel  
Haja esmola em quantidade  
Não ficou pobre com fome  
Ali naquela cidade.

O padre José Paulino  
Acha que estou descansado  
Queria fazer presente  
Ao governo do Estado  
Deu três cangaceiros meus  
Sem nada lhe ter custado.

Um desses ditos rapazes,  
Estava até tuberculoso,  
O segundo era um asmático,  
O terceiro era um leproso,  
O urubu que o comeu  
Deve estar bem receioso.

Tive nos meus cangaceiros  
Um prejuízo danado,  
Primeiro foi Rio-Preto,  
Segundo Pilão-Deitado,  
Os homens mais destemidos  
Que tinham me acompanhado.

Eu juro pelo meu rifle,  
Que o Padre José Paulino  
Cai sempre na ratoeira  
E paga o grosso e o fino,  
Não há de casar mais homem,  
Nem batizar mais menino.

Eu sempre gostei de padre  
Tenho agora desgostado  
Padre querer intervir  
Em negócio do Estado?!...  
Viaja sem o missal,  
Mas leva o rifle encostado.

Em vez de estudar o meio  
Para nos aconselhar,  
Só quer saber com acerto,  
Armar rifle e atirar,  
Lá onde ele ordenou-se,  
Só lhe ensinaram a brigar.

Depois ele não se queixe,  
Nem diga que sou malvado,  
Ele nunca assentou praça  
Como pode ser soldado?  
Não tem razão de queixar-se,  
Se tiver mau resultado.

Quatro estados reunidos  
Tratam de me perseguir,  
Julgam que não devo ter  
O direito de existir,  
Porém enquanto houver mato,  
Eu posso me escapulir.

Eu ganhando essas serras,  
Não temo alguém me pegar  
Ainda sendo um que pegue,  
Uma piaba no mar,  
Um veado em mata virgem  
E uma mosca no ar.

Eu já sei como se passa  
Cinco dias sem comer,  
Quatro noites sem dormir,  
Um mês sem água beber,  
Conheço as furnas onde durmo  
Uma noite se chover.

Uma semana de fome,  
Não me faz precipitar,  
Mato cinco ou seis calangos  
Boto no sol a secar,  
Quatro ou cinco lagartixas,  
Dão muito bem um jantar.

Eu passei mais de um mês  
Numa montanha escondido,  
Um rapaz meu companheiro  
Foi pela onça comido,  
Por essa também  
Eu fui muito perseguido.

Era um lugar esquisito,  
Nem passarinho cantava!...  
Apenas à meia noite  
Uma coruja piava,  
Então uma grande onça,  
De mim não se descuidava.

Havia muito mocós,  
Eu não podia os matar,  
Andava tropa na serra  
Dia e noite a me caçar,  
No estampido do tiro  
Era fácil alguém me achar.

Passava-se uma semana  
Que nada ali eu comia,  
Eu matava algum calangro  
Que por perto aparecia  
Botava-os na pedra quente  
Quando secava eu comia.

Quando apertava-me a sede  
Pegava a croa de frade  
Tirava o miolo dela  
Chupava aquela umidade  
Lá eu conheci o peso  
Da mão da necessidade.

Um dia que a tropa andava  
Na serra me procurando  
Viram que um grande tigre,  
Estava em frente os emboscando  
Um dos oficiais disse:  
Estamos nos arriscando.

E o Antonio Silvino  
Não anda neste lugar,  
Se ele andassem, aquela onça  
Havia de se espantar,  
Eu estava perto deles,  
Ouvindo tudo falar.

Ali desceu toda a tropa,  
Não demoraram um momento,  
Um soldado que trazia  
Um saco de mantimento,  
Por minha felicidade  
Deixou-o por esquecimento.

Eu estava dentro do mato,  
Vi quando a tropa desceu  
O tigre soltou um urro,  
Que o tenente estremeceu  
Até a borracha d'água  
Uma das praças perdeu.

Quando eu vi que a tropa ia  
Já n'uma grande lonjura,  
Fui, apanhei a mochila,  
Achei carne e rapadura,  
Farinha queijo e café,  
Aí chegou-me a fartura.

Achei a borracha d'água  
Matei a sede que tinha,  
A carne já estava assada,  
Fiz um pirão de farinha  
Enchi a barriga e disse:  
Deus te dê fortuna, oncinha.

Porque a tua presença,  
Fez toda a força ir embora,  
O ronco que tu soltasses,  
encheu-me a barriga agora,  
Eu com a sede que estava,  
Não durava meia hora.

E é agora o que faço,  
Havendo perseguição,  
Procuro uma gruta assim  
E lá faço habitação,  
Só levo lá, um, dous rifles  
E o saco de munição.

Me mudo para uma furna  
Que ninguém sabe onde é,  
A furna tem meia légua  
Marcando de vante a ré,  
A onça chega na boca  
Mas dentro não põe o pé.



A onça conhece a fuma,  
Desde a entrada à saída  
Porém qual é essa fera  
Que não tem amor à vida?  
Uma onça parte assim,  
Se vendo quase perdida!...

Quando eu deixar de existir  
Ninguém fica em meu lugar,  
Ainda que eu deixe filho,  
Ele não pode ficar,  
Porque a um pai como eu  
Filho não pode puxar.

Pode ter muita coragem  
Ser bem ligeiro e valente,  
Mas vamos ver suporta  
Passar três dias doente,  
Com sede de estalar beijo  
E fome de serrar dente.

Se não tiver natureza  
De comer calango cru,  
Passe um mês sem beber água  
Chupando mandacaru,  
Dormir em fuma de pedra  
Onde só veja tatu.

Não podendo fazer isso,  
Nem pense em ser cangaceiro,  
Que é como um cavalo magro  
Quando cai no atoleiro,  
Ou um boi estropiado  
Perseguido do vaqueiro.

Há de ouvir como cachorro,  
Ter faro como veado,  
Ser mais sutil do que onça,  
Maldoso e desconfiado,  
Respeitar bem as famílias,  
Comer com muito cuidado.

Andar em qualquer lugar  
Como quem está no perigo,  
Se for chefe de algum grupo  
Ninguém dormirá consigo,  
O próprio irmão que tiver,  
O tenha como inimigo.

O cangaceiro sagaz  
Não se confia em ninguém,  
Não diz para onde vai,  
Nem ao próprio pai se tem,  
Se exercitar bem nas armas,  
Pular muito e correr bem.

Em meu grupo tem entrado  
Cabra de muita coragem,  
Mas acha logo o perigo  
E encontra a desvantagem  
Foge do meio do caminho,  
Não bota o meio da viagem.

Porque andar vinte léguas  
Isso não é brincadeira,  
E romper mato fechado,  
Subir por pedra e ladeira,  
Como eu já tenho feito,  
Não é lá cousa maneira.

Pegar cobra como eu pego  
Quando ela quer me morder,  
Cascavel com sete palmos,  
Só se Deus o proteger,  
Mas eu pego quatro ou cinco  
E solto-a, deixo-a viver.

Que é para ela saber,  
Que só eu posso ser duro,  
Eu já conheço o passado,  
Nele ficarei seguro,  
Penso depois no presente  
Previno logo o futuro.